

A LONGA CONSTITUIÇÃO DO OLHAR GEOGRÁFICO¹

Paulo Cesar da Costa Gomes

Professor Associado IV

Deptº de Geografia

Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ

pccgomes@yahoo.com.br

Resumo: o objetivo dessa contribuição é mostrar como a expressão “olhar geográfico” faz parte de uma longa tradição dentro da disciplina e possui um estatuto epistemológico preciso dentro do pensamento geográfico.

Palavras-chave: epistemologia ; Olhar geográfico ; imagens

Abstract : The purpose of this contribution is to show how the expression "geographic view" is part of a long tradition and has an accurate epistemological status in the geographical thought.

Key words : epistemology ; geographical view ; images

Résumé : Le but de cette contribution est de montrer comment l'expression « regard géographique » fait partie d'une longue tradition et qu'elle a un statut épistémologique précis dans la pensée géographique.

Mots-clés : épistémologie ; regard géographique ; images

Muitas vezes ouvimos a expressão “olhar geográfico” e a tratamos simplesmente como um adereço, uma metáfora, uma figura de linguagem sem um sentido preciso. É possível, no entanto, supor pelo recorrente uso que se faz dessa expressão que ela corresponderia a um atributo peculiar e relevante na construção do pensamento geográfico. Não teria pois essa expressão origem em certa tradição que faz parte da forma como a Geografia se desenvolveu e foi concebida? Quais são as raízes dessa idéia de um “olhar geográfico”? Qual o seu papel? Sem pretender responder de forma definitiva essas questões o objetivo aqui é trazer alguns elementos básicos que, sem dúvida, contribuirão na consideração da importância e na exatidão do uso da expressão.

É possível recuar as origens dessa tradição a tempos muito remotos, antes mesmo da formalização de um pensamento geográfico. Estamos pensando nos *aedos* gregos, poetas cegos que, impedidos de olhar diretamente o mundo, convocavam as musas e narravam histórias dos deuses, das potências, e da formação do mundo. Homero e Hesíodo são os mais conhecidos. Eles

¹ Esse texto foi a transcrição adaptada da conferência proferida no dia 27 de setembro na UECE, em Fortaleza. Assim, o texto carece das citações dos autores, fontes bibliográficas, e outros detalhes importantes. Convidamos o leitor que tenha interesse em obter mais informações a procurar nos outros textos do autor assim como no livro Gomes, Paulo C. da Costa Gomes (2012) *O lugar do olhar: Elementos para uma geografia da visibilidade*, Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, no prelo.

deixaram narrativas nas quais é possível observar a passagem do Caos ao Cosmos, ou seja, do olhar que constata a infinita variedade e dispersão das coisas no mundo passa-se aquele que organiza essa variedade e desordem em um todo coeso e coerente. O mistério das forças naturais agindo sobre o mundo se transforma nessas narrativas em efeitos das potências e de atributos divinos, ou seja, ganha uma explicação. O olhar observa e interpreta.

Quando a Geografia se constitui em uma forma de conhecimento estável e peculiar essa mesma operação, a passagem do Caos ao Cosmos, necessitou ser reatualizada. O olhar geográfico precisa ser aquele que explica a origem da diversidade das formas, das características e da variedade dos lugares, das plantas, dos animais e dos homens. Ptolomeu, um dos primeiros a difundir através de sua obra o nome da Geografia tinha exatamente essa preocupação. O projeto ptolomaico se traduziu em sua quase obsessão de desenhar um mapa do mundo conhecido. Esse mapa, no entanto, seria a forma de desvendar os princípios harmônicos que se escondiam atrás do aparente caos da diversidade.

Interessante é perceber que para Ptolomeu uma vez que obtivéssemos uma imagem precisa da Terra, um mapa, esses princípios harmônicos da proporcionalidade, da simetria, do equilíbrio, da coesão nos apareceriam imediatamente ao olharmos essa imagem. Ele argumentava que a possibilidade de interpretar os céus com mais facilidade e desenvolver um conhecimento mais preciso deles, a astronomia, só era assim porque tínhamos um acesso direto pelo olhar aos céus. Já a Terra desafiava nossa compreensão já que não conseguíamos vê-la por inteiro. A imagem da Terra, sua observação e interpretação são o centro do projeto ptolomaico. Por isso, ele criou um sistema de projeção e uma possibilidade de estabelecer, por meio de coordenadas, a localização precisa de todas as coisas que figuravam e estavam localizadas no mundo. Só a partir de uma imagem da Terra seria possível “vê-la” fora do caos do olhar que é limitado e particularizador e, por meio desse artifício da imagem, colocá-la ao alcance de um olhar geral e totalizador, um olhar que se dirige para além das aparências enganosas e parciais e consegue alcançar a essência do todo.

Essa concepção não era exclusiva de Ptolomeu e a corrente filosófica que produziu os maiores geógrafos da Antiguidade, o estoicismo, comungava de muitas dessas idéias. Os nomes de Zenão, Posidônio e Estrabão se associam ao estoicismo e aos seus princípios cosmogônicos. De maneira bem geral, os princípios mais importantes do estoicismo podem ser resumidos em quatro afirmativas que são derivadas umas das outras.

Assim, os estóicos nos ensinam primeiramente que qualquer explicação deve ser remetida à totalidade, à unidade geral de todos os fenômenos (Cosmos). Em função disso e em segundo lugar, a ordem humana e a ordem natural estão integradas dentro da mesma ordem do mundo. Seguindo dessa forma, o terceiro princípio é a conectividade dos fenômenos e o preceito de que o conhecimento só nos é possível quando tivermos em mente a união de todas as coisas. Finalmente, esse plano global, demiúrgico e teleológico, quando compreendido, demonstra o perfeito equilíbrio entre as partes, a boa proporcionalidade delas e a harmonia do todo.

A partir desses princípios que deveriam guiar toda a produção do conhecimento os estóicos estabeleceram que o método necessário e suficiente seria a contemplação. Em outros termos, o olhar que observa com sabedoria e cuidado é capaz de desvendar a ordem do mundo. Esse olhar irá procurar no desenho das formas, nas conexões entre elas, a coesão fundamental entre todos os fenômenos. Há para os estóicos uma maneira de olhar que revela a harmonia e a perfeição. Dessa maneira, o recurso à contemplação foi uma constante nas contribuições do conjunto desses pensadores.

No Renascimento, com a redescoberta e a tradução da obra de Ptolomeu na Itália, houve um novo impulso na produção de conhecimento geográfico na Europa. Esse novo impulso era também solidário da grande aventura das viagens exploratórias e da descoberta de novas terras no globo.

Dois modelos começaram a ser praticados e se estabilizaram nessa época: as cosmografias e os relatos de viagem. As primeiras, como o nome bem indica, reuniam a soma de conhecimentos sobre a Terra organizados por temas, mas guardando a perspectiva de mostrar a coesão final do todo. Nesse caso, tratava-se de explicar, de forma geral e sistemática, a variedade dos fenômenos que ocorriam e suas múltiplas conexões. Nessas cosmografias havia a idéia de que a Terra era um grande palco de eventos, um teatro, o *theatro mundi*. Esse teatro quando tinha uma inspiração próxima da doutrina religiosa cristã era visto como o espetáculo organizado para apenas um espectador, Deus, que tudo via, tudo acompanhava, tudo julgava. Nas versões mais pagãs, o teatro do mundo era visto como uma cena onde os atores encenavam e eram simultaneamente os espectadores. Nos dois casos, há uma idéia de que o conhecimento provirá da observação metódica e contemplativa dos eventos.

Já nos relatos de viagem, cabia aos exploradores narrar de forma bastante viva a aventura de um percurso com todos os sabores advindos de uma descrição rica e fundada na observação fina e detalhada. Os viajantes, de alguma forma, recolhiam informações variadas que eram depois introduzidas nas cosmografias. Também para eles era importante a observação perspicaz e metódica, do olhar que contempla e entende.

No Século XIX, quando a geografia se impõe como uma disciplina acadêmica, a contemplação volta a ser uma expressão amplamente utilizada na voz daqueles que são hoje identificados como os “pais” ou, pelo menos, pioneiros de uma moderna geografia. Interessante é perceber que a idéia de contemplação é parte do discurso de quase todos os grandes nomes dos geógrafos precursores que hoje reconhecemos: Alexander Von Humboldt, Karl Ritter, Élisée, Reclus, Vidal de La Blache, para não citar senão esses mais renomados.

Para Humboldt, por exemplo, a contemplação era produtora de um duplo prazer. Em primeiro lugar, o prazer surgia pelo espetáculo da diversidade que observamos no mundo, diversidade de ambientes, de rochas, de plantas, de animais, de sociedades; em segundo lugar, o prazer é também proporcionado pela possibilidade dessa observação nos conduzir à descoberta das leis que unem e explicam esses fenômenos. A palavra “contemplação” aparece em diferentes

GOMES, P.C.C.. A longa constituição do olhar geográfico. Revista GeoUECE - Programa de Pós-Graduação em Geografia da UECE Fortaleza/CE, v. 1, nº 1, p. 1-7, dez. 2012. Disponível em <http://seer.uece.br/geouece>

obras de Humboldt e em diferentes períodos de sua vida, demonstrando assim que essa idéia foi uma constante em sua concepção da nascente ciência geográfica. Ele usa também em diversas oportunidades e de modo variado a idéia de enquadramento do olhar na percepção das formas e na composição dos elementos e chega a comentar lugares como se fossem quadros de uma pintura.

Já na obra de Ritter, a contemplação das formas e sua análise são recomendadas como o procedimento capaz e necessário para nos conduzir à compreensão da essência dos fenômenos. Por isso, ele procura no feitiço dos continentes, em seu formato, em sua composição, em suas proporções, nas relações numéricas (entre áreas litorâneas e terras interiores, por exemplo) a possível compreensão, segundo ele, do sentido global de cada um deles. A preocupação de Ritter com essa visão do todo é repetida inúmeras vezes em seus propósitos mais teóricos. Reclus, fortemente influenciado por Ritter de quem havia sido discípulo, também insistiu muito nessa perspectiva da totalidade da ordem global e sublinhava o papel central que a descrição detinha para a produção dessa compreensão da totalidade e a coesão de todas as partes. Esse foi seu grande projeto na *Geografia Universal*.²

Para Vidal de La Blache, a expressão mais comum nos textos é “unidade terrestre”. Essa unidade apareceria aos olhos daqueles que soubessem contemplar o “labirinto das formas”. Ele utiliza muitas vezes os verbos, olhar, ver, mostrar, perceber, contemplar ao longo de suas descrições. De fato, muitas vezes, Vidal utiliza um itinerário, como se estivesse descrevendo o que se vê a partir de certo percurso. Ele chega mesmo a variar a direção para mostrar a diferente percepção quando mudamos os pontos de vista.

Na primeira edição do *Tableau de la Géographie de la France* não há imagens, mas já na segunda há diversas fotografias que ilustram o texto. Segundo Jules Sion, a descrição feita por Vidal é fortemente impregnada desse *olhar geográfico*, o texto se transforma assim em imagem pela vivacidade dos elementos descritos e não necessariamente precisaríamos de imagens gráficas para ilustrar o texto.

Toda a geração da assim chamada “escola francesa de geografia” fez um uso intenso de imagens. O manual de *Géographie Humaine* de Jean Brunhes continha dois volumes, sendo o segundo inteiramente ocupado por fotografias. Jean Brunhes também afirmava que a conectividade dos fenômenos era uma qualidade fundamental dos estudos geográficos. Já para E. De Martonne, a fotografia podia revelar apenas a aparência dos fenômenos, por isso ele recomendava o desenho e a construção de blocos-diagramas que revelariam de maneira compósita as formas e suas causas. Para Didier Mendibil que estudou com profundidade os procedimentos iconográficos dessa fase, havia dois grandes sistemas nos quais esses dois autores citados, Brunhes e De Martonne, ocupariam posições antagônicas quanto ao uso de

² Notemos rapidamente que a idéia de escrever uma *Geografia Universal*, existiu em Vidal de La Blache e, muito mais tarde, se renovou no empreendimento de Roger Brunet.

GOMES, P.C.C.. A longa constituição do olhar geográfico. Revista GeoUECE - Programa de Pós-Graduação em Geografia da UECE Fortaleza/CE, v. 1, nº 1, p. 1-7, dez. 2012. Disponível em <http://seer.uece.br/geoeuce>

imagens. Ainda assim, podemos, a despeito das diferenças no uso das imagens, sublinhar aqui a relevância acordada aos processos de visualização para o conjunto desses geógrafos.

A geografia acadêmica brasileira nascente nos anos 1930 teve em Pierre Deffontaines um propagador ilustre dessa concepção. Ele costumava preencher muitas páginas dos diários que o acompanhavam com fartas descrições e muitos desenhos e esquemas. É sabido que seu domínio das técnicas de reprodução gráfica era bastante bom e ele deixou diversos panoramas e esquemas que ainda hoje são estudados. Sabemos também que ele foi o formador da primeira geração de geógrafos brasileiros e que os ensinava a proceder dessa forma, organizando e preenchendo os diários de campo com as observações e as imagens. Em outras palavras, seu treinamento era como um exercício para desenvolver justamente aquilo que conhecemos como o “*olhar geográfico*”.

Alguns anos mais tarde, foi exigido que esse olhar e as formas que ele contemplava deveriam ser formalizadas, geometrizadas ou matematizadas. Os esquemas gráficos passaram ser cada vez mais abstratos e formais entrando em ruptura com a linguagem natural. A proposição de Roger Brunet dos “*Coremas*” talvez seja nesse sentido paradigmática e o ápice desse processo de generalização formal. Ele sugeria uma verdadeira gramática de formas geométricas que traduziriam relações e fluxos espaciais. Tal qual na velha tradição ptolomaica que, como vimos remonta à Antiguidade, esse “*alfabeto*” de formas agia simultaneamente como elemento pedagógico e como processo analítico.

Precisamos nesse ponto fazer um parêntese importante pois nem sempre a relação com as imagens foi consensual. Ao contrário, muitas vezes e de forma contundente as imagens foram colocadas sob forte suspeita. As religiões do Livro têm uma relação bastante complexa com representações. Movimentos religiosos estiveram, muitas vezes, na origem de grandes cruzadas iconoclastas. A desconfiança em relação ao poder da imagem de forjar simulacros e falsificações também tem uma longa história na filosofia.

A atitude crítica diante da imagem foi estendida contemporaneamente por influentes correntes da filosofia nas ciências humanas. Foucault, Lacan, Debord, Lefèbvre, Derrida, Irigaray rejeitaram, de uma forma ou de outra, a ordem visual moderna, acusada de ter sido estabelecida pelos poderes sociais que eles denunciam. Segundo Michael Jay, essa rejeição da imagem teve um caráter quase hegemônico. O impacto desta assim conhecida “*french theory*” teve grande repercussão e difusão na bibliografia anglo-saxônica e foi muito importante no desenvolvimento da geografia em geral. Assim, é quase natural constatar que houve também muita relutância de alguns geógrafos em relação às imagens, com uma recorrente tendência a concebê-las como distorção e como produto de uma ideologia falsificadora. Até mesmo os mapas, tão valorizados em geral na Geografia, foram vistos com muita suspeição.

Os geógrafos não se cansam de chamar a atenção para a diferença entre a “*fraudulenta*” maneira como as coisas se apresentam e a forma que efetivamente elas seriam, o que é interpretado como uma exitosa estratégia para esconder os problemas reais. Mesmo alguns dos

GOMES, P.C.C.. A longa constituição do olhar geográfico. Revista GeoUECE - Programa de Pós-Graduação em Geografia da UECE Fortaleza/CE, v. 1, nº 1, p. 1-7, dez. 2012. Disponível em <http://seer.uece.br/geoeuce>

estudos muito eruditos que se concentraram na análise de imagens, têm destacado como resultado principal a construção de ideologias. Só muito recentemente começa a aparecer uma contestação a essa geral desconfiança na pesquisa com imagens. Com ela volta-se a valorizar a idéia de um *olhar geográfico*, que seria um importante formador ou conformador epistemológico para os geógrafos.

De maneira mais geral, uma pergunta fundamental na apreciação do estatuto do olhar para o conhecimento é aquela de saber se há preeminência do olhar sobre a compreensão ou da compreensão sobre o olhar? Em outros termos, devemos refletir e nos indagar, seguindo Arnheim, e acreditamos que “ver é compreender” ou seguimos Gombrich e nos convencemos de que “só vemos o que compreendemos”?

Nesse debate parece ser importante distinguir na conformação do *olhar geográfico* o papel diverso que concedemos às imagens. Se elas servem para ilustrar ou mostrar significa que estão ontologicamente separadas do processo de pensar. Refletimos antes e só depois procuramos as formas que ilustram os elementos ou as conclusões dessa reflexão. É possível, aliás, constatar facilmente que essa é a tônica na Geografia. Seria, no entanto, possível pensar com as imagens? Refletir junto com elas?

Recentemente, temos organizados oficinas de imagens que nos demonstram ser isso possível. Nessas experiências fica também evidente o quanto nossa capacidade de observação pode ser aprimorada e sensibilizada para “ver” mais do que normalmente vemos. Podemos, por exemplo, pelo registro fílmico, ampliarmos o nosso espectro perceptivo, trabalhar com simultaneidades, variar os pontos de vista.

Temos como fruto desse trabalho que vem sendo desenvolvido nos últimos cinco anos a convicção de que existem três noções básicas que deveriam fazer parte dos fundamentos da observação em Geografia. São eles: o ponto de vista, a composição e a exposição. Nessas três categorias a espacialidade possui um importante papel ontológico. Quando empregamos comumente a idéia de “ponto de vista, em geral, estamos nos referindo à opinião. Raramente consideramos o quanto essa expressão é geográfica uma vez que possui um inequívoco comprometimento espacial. Um ponto de vista é, antes de tudo, uma posição (no espaço). Dessa posição “vemos” algo e, por isso, o acesso à visualidade é dependente da localização e da posição do observador. O uso abstrato da expressão nos fez perder isso de *vista*.

Em relação à composição, o próprio nome indica que se trata de elementos variados solidários sobre um mesmo plano ou em uma mesma visada, no (a) qual, a posição é fundamental na compreensão do conjunto. Considere-se uma paisagem. A maneira como os diversos elementos estão dispostos, as distancias relativas entre eles, as associações possíveis etc. são em grande parte dados pelo jogo composicional, pelo enquadramento do nosso olhar. Não é por isso gratuito que algumas valorizadas paisagens sejam contempladas a partir de lugares fixados por dispositivos (bancos, binóculos, belvederes, muradas, tábuas de orientação etc.) de onde as apreciamos.

GOMES, P.C.C.. A longa constituição do olhar geográfico. Revista GeoUECE - Programa de Pós-Graduação em Geografia da UECE Fortaleza/CE, v. 1, nº 1, p. 1-7, dez. 2012. Disponível em <http://seer.uece.br/geouece>

Finalmente, em relação à exposição, também ela tem um componente espacial fundamental. O sentido etimológico da palavra nos ensina que há uma posição de exterioridade naquilo que se coloca em exposição, há uma exibição, algo que se mostra ao olhar. Aliás, essa palavra é utilizada em dois principais sentidos, como oferecimento de algo ao olhar e como explicação de alguma coisa quando, por exemplo, dizemos que ouvimos alguém fazer uma exposição.

Ao fim desse percurso que fizemos do “*olhar geográfico*”, ao longo de toda a história do pensamento dessa disciplina, nos é, quem sabe, possível afirmar que, ao contrário das freqüentes buscas da geografia por um objeto que lhe fosse próprio e identificador, o *olhar geográfico* talvez seja a marca distintiva fundamental dessa ciência. É esse olhar que nos ensina a observar, esse olhar que nos permite construir questões peculiares, é esse olhar que nos conforma e nos distingue.